



SEGUROS, ONDE ESTAMOS, PARA ONDE VAMOS :: MICROSEGUROS

Sob o título acima, no dia 17 do corrente, a Escola Nacional de Seguros (FUNENSEG), fez circular importante matéria que, pela sua atualidade e substância, resolvemos transcrever na íntegra para conhecimento de nossas associadas:

"No ano em que comemora seu bicentenário, com a autorização da primeira seguradora do País, a Companhia de Seguros Boa Fé, instituída por alvará de D. João VI em 1808, o mercado de seguros, previdência privada e capitalização brasileiro vive um momento especial de transformação e prepara-se para ocupar um novo patamar na economia nacional. É uma boa hora para se repassar onde está e para onde desejamos que caminhe esse mercado.

Começemos pelos valores. Em 2007, o mercado arrecadou R\$ 83,9 bilhões em prêmios diretos e contribuições, o que correspondeu a 3,3% do Produto Interno Bruto (PIB). Tais prêmios e contribuições incrementaram provisões técnicas e capitais próprios das empresas, que, somados, representaram 7,7% do PIB e garantiram o pagamento de indenizações de sinistros, benefícios assistenciais e resgates de planos previdenciários e de capitalização no valor de R\$ 36,7 bilhões (1,4% do PIB).

Mas a importância do setor ultrapassa em muito a expressão numérica. Sem os seguros, as empresas não poderiam aceitar riscos. Imaginem o que ocorreria com a venda de automóveis, com o mercado de crédito e com o comércio exterior se não houvesse o apoio dos seguros.

A indústria de seguros, crescentemente, suplementa o Estado no fornecimento de serviços cruciais nas áreas de saúde e de seguridade social e, ao fazer isso, permite que o Estado concentre atenção e recursos no atendimento às necessidades das camadas mais pobres da população.

Nosso mercado tem crescido a taxas elevadas: entre 1995 e 2007, o volume de prêmios e contribuições aumentou 415%, 42% acima do crescimento do PIB.

E é fácil prever que esse caminho de rápida expansão continuará no futuro. Tome-se o caso do ramo de seguros de vida e de previdência complementar aberta. A população brasileira de mais de 65 anos, que se mantivera em torno de 3% do total até 1970, pode alcançar 13% em 2020 e níveis de União Europeia em 2050.

Muito já foi feito na reforma da previdência, mas ainda há o que fazer. Os

governos precisam trabalhar em duas linhas mestras: focando suas ações no apoio aos trabalhadores com rendas mais modestas e reconhecendo o papel crucial, que já existe e só tende a aumentar, dos seguros de vida e da previdência privada aberta na preparação que as pessoas fazem de seu futuro.

Considerações similares são aplicáveis ao ramo de seguros de saúde: populações mais idosas demandam mais serviços de saúde, mas encontram no Sistema Único de Saúde (SUS) grande escassez de recursos. O mesmo se dá com os mais pobres. Aqui a cooperação e repartição de tarefas entre governo e setor privado são ainda mais importantes.

O crescimento da demanda por seguros de saúde é inevitável, mas a oferta pode ser acelerada se for concedida às empresas maior flexibilidade na definição dos produtos e na determinação de seus preços, segundo as várias classes de renda.

No ramo de seguros de danos, o mercado aguarda o efetivo funcionamento do resseguro livre. E as notícias recentes são muito boas, com o anúncio do estabelecimento no País de diversas resseguradoras e corretoras de resseguros.

Como o resseguro lida principalmente com sinistros de grande monta e difícil previsão, espera-se forte expansão de ramos como os seguros agrícolas, de proteção ambiental e de florestas, além dos ramos de responsabilidade civil e vida, particularmente, nos casos de riscos diferenciados em que o risco é elevado e a cobertura, idem.

A indústria de seguros terá ainda importante papel na administração dos riscos vinculados ao processo de mudanças climáticas em escala global. Será necessário lidar com os riscos que se apresentam hoje, no curto e no médio prazos.

Em vários países, as variações erráticas do clima estão produzindo prejuízos materiais de bilhões de dólares e ruína para muitas famílias e empresas. A escala desses riscos ainda é pequena no caso do Brasil, mas todos os países serão afetados em algum grau. O mercado de seguros é o único capaz de lidar adequadamente com tais riscos.

Em suma, temos no Brasil uma indústria de seguros, previdência privada e capitalização que é rentável financeiramente, cumpre importante função social e está fadada a ocupar um papel ainda mais proeminente na economia nacional."

A edição do Diário Oficial da União, de 17 do corrente, (terça-feira), publica o Ato 13/08 da SUSEP, que designa os membros da Comissão Consultiva de Microseguros, instituída em abril. A comissão será presidida pelo superintendente da SUSEP, Armando Vergílio dos Santos Júnior.

Segundo a norma, os representantes da FENACOR serão o presidente da Federação, Roberto Silva Barbosa; o vice-presidente, Nelson Peixoto Feijó Filho (suplente); e os diretores Paulo Roberto Sousa Thomaz e Cláudio Simão (suplente).

A Escola Nacional de Seguros – FUNENSEG será representada pelo presidente, Robert Bittar; e os diretores Renato Campos Martins Filho (suplente), Cláudio Roberto Contador; e Nelson Victor Le Cocq d'Oliveira (suplente).

Já os representantes dos seguradores serão Antônio Cássio dos Santos, presidente da FENAPREVI; Solange Beatriz Palheiro Mendes (suplente), diretora da FENASAÚDE Jayme Brasil Garfinkel, presidente da FENASEG; Hélio Oliveira Portocarrero de Castro (suplente), diretor da FENACAP.

A SUSEP terá como representantes, além de Armando Vergílio, os diretores da autarquia, Alexandre

Penner e Murilo Matos Chaim (suplente); e os procuradores Moacyr Lamha Filho e Marcello Teixeira Bittencourt (suplente).

Os representantes do Ministério da Fazenda serão Otávio Ribeiro Damaso; Lara Caracciolo Amorelli; Francisco Erismá Oliveira Albuquerque (suplente); e Antonio Carlos Wosgrau (suplente).

O Banco Central será representado por Marden Marques Soares e Antonio Fernando Ribeiro (suplente), enquanto o Ministério da Previdência Social terá como representantes Maria Íris Barbosa e Nilo Silva Thé Pontes (suplente). (Fonte: CQCS / Jorge Clapp - 18/06/08)



:: CAPITALIZAÇÃO

O faturamento com a venda de títulos de capitalização somou R\$ 2,7 bilhões no período de janeiro a abril deste ano, com alta de 13% sobre o volume movimento no mesmo período de 2007. Apenas em abril, o faturamento foi de R\$ 736 milhões, ante R\$ 694 milhões de março. Os dados foram divulgados hoje pela FENACAP - Federação Nacional de Capitalização.

As reservas aplicadas nos planos de capitalização cresceram 8% em 12 meses até abril, atingindo R\$ 12,3 bilhões.

A direção da FENACAP lembra que no mês passado a SUSEP regulamentou a segmentação dos diferentes planos de capitalização, o que será benéfico para o setor. A divisão dos produtos em categorias consolida mais um reconhecimento

por parte do órgão regulador do mercado em relação à proposta e flexibilidade dos títulos. Além de reforçar a sua compreensão e fortalecer a transparência no relacionamento com os consumidores, avalia o diretor executivo da entidade, Hélio Portocarrero. (Fonte: Valor OnLine – 18/06/08)





:: LUCRO DAS SEGURADORAS

As seguradoras fecharam o primeiro quadrimestre deste ano com alta de 23% no lucro líquido. O ganho de janeiro a abril foi de R\$ 2,4 bilhões em seguros e previdência e de R\$ 483 milhões com capitalização. A rentabilidade sobre o patrimônio líquido subiu dois pontos percentuais, para 26%. O setor obteve receitas de R\$ 26,7 bilhões, evolução de 16% em comparação com o mesmo período do ano anterior. Seguro gerais é o maior segmento, com prêmios de R\$ 10,3 bilhões. Previdência vem em segundo, com R\$ 9,8 bilhões, sendo o VGBL responsável por R\$ 7,2 bilhões. Seguro de vida e acidentes pessoais totalizou R\$ 3,78 bilhões e títulos de capitalização R\$ 2,7 bilhões.

As seguradoras ligadas a bancos foram responsáveis por 34% do lucro do setor e obtiveram a maior rentabilidade sobre o patrimônio, com 29% no quadrimestre. Boa parte do R\$ 1,96 bilhão de ganho desse grupo veio do Bradesco, com R\$ 991 milhões, segundo dados da SUSEP, consolidados pela consultoria SISCORP. As estrangeiras responderam por 13%, com R\$ 290 milhões, e as seguradoras independentes com capital nacional participaram com R\$ 162 milhões, ou seja, 11% restantes.

A maior alta na lucratividade veio da Sul América, que apresentou lucro líquido de R\$ 173 milhões no primeiro quadrimestre deste ano, alta de 105% comparado ao período anterior. A maior baixa veio da Porto Seguro, onde prejuízos causados pelas chuvas no primeiro bimestre e a marcação a mercado de ativos reduziram o lucro da companhia em 49%, para R\$ 69 milhões.

A venda de seguros patrimoniais e responsabilidade civil, divisão conhecida internacionalmente como "property & casualty" encerrou o quadrimestre com R\$ 10,3 bilhões, alta de 12%. A Bradesco lidera o segmento, com R\$ 3,6 bilhões,

avanço de 17% no período. O Itaú é o segundo maior, com R\$ 2,7 bilhões, seguido por Unibanco AIG com R\$ 1,5 bilhão, Porto Seguro com R\$ 1,3 bilhão e Banco do Brasil, com R\$ 1,1 bilhão. O seguro rural registrou o maior crescimento dentro de ramos elementares. Os prêmios evoluíram 45%, para R\$ 116 milhões, liderado pela BB Seguros Aliança do Brasil, com 20% do nicho.

Segundo estimativas da SISCORP, este índice deverá se manter elevado, encerrando o ano em 40%. A maior carteira neste segmento é a de automóvel, com R\$ 4,7 bilhões, evolução de 11%. A previsão é de encerrar o ano com alta de 6%, para R\$ 14,3 bilhões. A Porto Seguro ainda lidera, com R\$ 987 milhões, o que representa um market share de 21%.

O segmento de pessoas continua a ser estimulado pelo VGBL, um produto de acumulação de renda. De janeiro a abril ele acumulou prêmios de R\$ 7,2 bilhões, alta de 33%. A Bradesco lidera com 37% da arrecadação total, seguida pelo ITAÚ, com R\$ 1,7 bilhão, e pela Caixa, com R\$ 649 milhões. Em capitalização, a BRASILCAP se mantém com folga na liderança, com receitas de R\$ 702 milhões, alta de 12% em relação ao período anterior. A Bradesco Capitalização vem em segundo, com R\$ 510 milhões, alta de 9%. (Fonte: Gazeta Mercantil, 17/06/08)



:: MERCADO DE SEGUROS

Convidado a palestrar na XX Assembléia da Associação Panamericana de Fianças e Garantias, no dia 9 de junho, o diretor de Pesquisa e Desenvolvimento da Escola Nacional de Seguros (FUNENSEG), Claudio Contador, falou sobre a "Situação política e econômica na América Latina: perspectivas para o mercado de seguros de crédito e garantia", para cerca de 300 executivos presentes no evento.

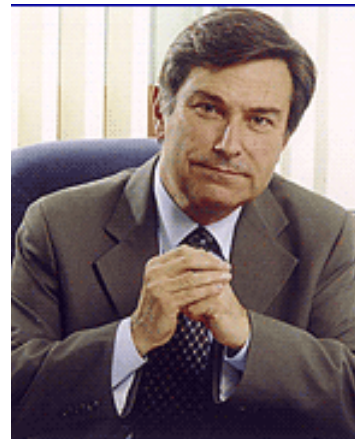
Antes de explicar os impactos do cenário econômico atual no mercado de seguros, Contador lembrou os momentos difíceis que o País enfrentou, com crises de energia, dívida externa alta, ataques especulativos e com restrição da linha de crédito internacional.

O diretor afirmou que a crise de energia que se observa hoje não representa um novo choque do petróleo, como aconteceu em 1973 e 1979, mas um aumento da demanda por países em desenvolvimento como Índia e China, assim como acontece com os alimentos. "Por apresentar uma alta produção agrícola e de energia, a América Latina poderá se beneficiar desse momento", afirmou.

Essa oportunidade, segundo Contador, será estendida ao mercado de seguros, principalmente o de

fianças. "No tocante ao problema energético, o patamar de preços do petróleo mais elevado vai viabilizar a adoção de fontes alternativas, estimular o investimento na busca de novas reservas e reaproveitar as já esgotadas. Quanto aos alimentos, existe uma grande capacidade de oferta agrícola aos preços, e a América Latina será sem dúvida o principal exportador de alimentos nas próximas décadas".

Para ele, algumas reformas econômicas foram responsáveis pela região não ter sofrido os impactos daquelas crises. "A América Latina está numa posição mais confortável economicamente porque fez o dever de casa, ou seja, as reformas necessárias, embora não tenham sido todas", explicou Contador. (Fonte: Funenseg - 17/06/08)



:: CHAPA "SINCOR PARA TODOS"

Com 56% dos votos válidos, a chapa "SINCOR para Todos", encabeçada por Robert Bittar garantiu na noite de 10 do corrente (terça-feira), a vitória na eleição no SINCOR-PR. Face a isso, o companheiro Robert Bittar vai dirigir o Sindicato dos Corretores de Seguros do Paraná, no triênio 2008-2011.

Robert Bittar, atual vice-presidente do Sindicato e presidente da FUNENSEG, retorna à presidência da entidade, cargo que já ocupou nas gestões de 1996/1999 e 1999/2002.

Durante a campanha eleitoral a chapa vitoriosa apresentou um plano de

gestão com 18 pontos, destacando-se a interiorização do Sindicato, programa de treinamentos e a criação de um portal WEB de serviços para atendimento aos corretores de seguros paranaenses.

A nova diretoria eleita é composta por Robert Bittar, presidente; Pedro Eyng, 1º vice-presidente; Osnir Roberto Gaspar, 2º vice-presidente; Artur Oscar Nogueira Hoff, 1º secretário; Deniz Pacheco de Carvalho, 2º secretário; José Antonio de Castro, 1º tesoureiro e Mauro Iplinski, 2º tesoureiro. A posse acontecerá no próximo dia 1º de julho (terça-feira). (Fonte: Revista Cobertura - 12/06/08)



:: SISTEMA DE RASTREAMENTO

O crescimento da indústria do roubo de cargas tornou o setor de rastreamento e monitoramento um dos mais competitivos do transporte rodoviário e levou as empresas a adotarem o sistema e preparar os motoristas para esta tecnologia.

Fatores como mudanças de legislação e avanços tecnológicos contribuíram para um novo cenário no setor de transporte rodoviário de cargas. O aumento no índice de roubo de carga no País, por exemplo, é um item que aguçou a necessidade das empresas em adotar medidas que garantissem mais segurança para o seu negócio.

Entre 1999 e 2004, o Sindicato das Empresas de Transportadores de Cargas de São Paulo e Região (SETCESP) registrou, somente no Estado de São Paulo, 14.384 roubos de carga, uma média de 2.398 mil/ano, e prejuízo de R\$ 1.157.475,00, média de 193 milhões/ano.

Em todo o País, as transportadoras registraram, em 2004, perdas que ul-

trapassaram R\$ 600 milhões em mais de 10 mil ocorrências.

"O grande índice de roubo de carga, principalmente de produtos de alto valor agregado, e o fato da empresa precisar ser cada vez mais competitiva no mercado, nos levaram a adotar o sistema de rastreamento, que é utilizado também com enfoque logístico, para melhorar o acesso as informações para o cliente", afirma Rodrigo Clausen, gerente de operações de transferência da Expresso Araçatuba.

A empresa utiliza o sistema há nove anos e aponta como vantagens a prevenção de roubos e acidentes. Além de ser eficiente para o controle da movimentação de carga, principalmente em relação a precisão e informação em tempo real. "A vantagem do uso operacional do rastreador compensa o custo. Mas do ponto de vista custo e receita a empresa não consegue absorver este valor, principalmente por conta da pressão do mercado". (Fonte: O Carreiteiro – 12/06/08)

:: SEGURANÇA

Os brasileiros estão menos preocupados com a segurança. É o que revela a segunda edição da pesquisa Índice de Segurança Unisys para o Brasil, que constata um decréscimo de 19 pontos, de 188 para 169, no indicador que tem uma escala de zero ("nenhuma preocupação") a 300 pontos ("preocupação extrema"). Mesmo assim, o índice de preocupação ainda é considerado elevado, apesar da inflexão ocorrida na virada de 2007 para 2008.

A pesquisa, realizada por telefone com 1.500 pessoas entre 18 e 60 anos (dos quais metade homem e o restante mulher), seleciona os participantes aleatoriamente nas principais regiões metropolitanas do País (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Salvador, Recife e Fortaleza). O principal objetivo é aferir a preocupação da população com ameaças à segurança, fazendo um diagnóstico por meio de domicílios das classes A, B e C.

O estudo, conduzido pela ICR (Independent Communications Research),

foi realizado entre 10 e 24 de março deste ano a pedido da Unisys, e engloba a percepção de riscos em áreas como segurança nacional, da violência às epidemias; segurança financeira; das fraudes com cartões bancários à capacidade de honrar obrigações financeiras, operações na internet e segurança pessoal, entre outros fatores de riscos. Os resultados do levantamento são usados pela Unisys para desenvolver e aprimorar os processos de segurança, oferecendo ao mercado consumidor alternativas para reduzir os riscos percebidos pelos clientes. (Fonte: FENASEG – 19/06/08)



:: SEGURO RURAL

O risco da agricultura é crescente, seja por causa da instabilidade climática, associada ao aquecimento global, e da intensificação do capital na composição da produção, seja por causa dos efeitos do câmbio flutuante sobre a renda do setor. Nesse contexto, a gestão de risco assume um papel cada vez mais importante para a sustentabilidade e competitividade da produção rural. No passado, a experiência do Proagro foi desastrosa. Mal desenhado, utilizando mecanismos de monitoramento falhos, sujeito a desvirtuamento administrativo, produziu mais distorções que benefícios.

Durante anos, o Proagro foi uma das culturas mais rentáveis para muitos produtores, que "plantavam Proagro"

para colher indenização. A maioria, mesmo seguindo as regras, nada recebe e acabava no prejuízo. Atualmente o Proagro está corretamente voltado para o agricultor familiar e, se bem orientado, poderá ser um instrumento importante para garantir a renda e estimular a capitalização desse grupo.

Outra iniciativa recente é o estímulo ao Seguro Rural privado, instrumento primário para reduzir os efeitos negativos do risco da atividade. O desenvolvimento desse mercado depende da participação do governo e da regulamentação. O seguro rural tem custo elevado por causa, entre outros fatores, da natureza catastrófica do risco, do alto custo de fiscalização e peritagem, das dificuldades de definir preços, da

normatização ainda precária e da falta de dados estatísticos que permitam arbitrar as perdas e separar o joio do trigo. Como resultado, os prêmios são elevados, desestimulam seguradoras e produtores. O Programa de Subvenção do Seguro Rural (Lei 10.823/03) e Decreto 5.121/04) criou as condições iniciais para a expansão do mercado, que saltou de 850 contratos em 2005 e de uma importância segurada (IS) de R\$ 127 milhões para 32 mil contratos em 2007, cobrindo R\$ 2,7 bilhões de IS e uma área de 2,3 milhões de hectares (ha) cultivados.

A expectativa é que em 2008 o prêmio de subvenção de R\$ 160 milhões possa gerar aproximadamente 80 mil contratos, IS de R\$ 7 bilhões e uma área segurada de 6 milhões de ha. (Fonte: IRB – 17/06/08)



:: AGENDA

Data: 26 a 29/06/2008

Evento: FÓRUM JURÍDICO DO SEGURO PRIVADO
44º. CURSO DE ATUALIZAÇÃO PARA MAGIS
TRADOS

Local: ESTÂNCIA TERMA DE JUREMA
IRETAMA – PARANÁ

:: MUDANÇAS

Alterações nos comandos das Associadas:

MINAS BRASIL: nova gerente - ELINE OLIVEIRA
ACE: novo gerente - LUIZ CARLOS SOLUCHINSKY JUNIOR
SULAMÉRICA: novo Superintendente - MARCELO POLATO